

Amey Debernethy

REVISTA

DA

ASSOCIAÇÃO—RECREIO INSTRUCTIVO

N. 9.

JUNHO DE 1863.

ANNO III.

DIREITO PUBLICO

Da democracia

I

O philosopho, applicando o seu juizo e criterio aos factos que se passam em o dominio da historia, reconhece a necessidade de uma lei que o guie n'esse immenso labyrintho onde formigam e se perdem as opiniões dos publicistas, que, desconhecedores do passado, se reportam tamsómente aos factos presentes e circumstantes. Esta lei se faz logo sentir com a applicação e o estudo sério.

O encadeamento dos successos, dos acontecimentos como que forma entre elles uma hereditariedade mais ou menos modificada; e se alguma vez nos parece ella fugir, é que os effeitos conservam-se latentes, mas logo apoz patenteiam-se e mostram o erro em que labutavamos. A hereditariedade dos factos não provém da nossa vontade, da nossa liberdade, mas sim da natureza d'elles e do seu apparecimento proficuo, como que ordenado por Deos, que pela sua alta providencia rege os destinos do universo no sentido mais lato.

As revoluções, os cataclysmas tanto do mundo physico como do mundo moral já se acham previstos pelo philosopho e pelo physico, que, desprezando a fórma, estudam o fundo como causa primitiva e originaria. Assim as maiores revoluções que tem soffrido o nosso mundo moral, são fructos dos seculos e obras das circumstancias. A ignorancia do povo, desconhecendo essa lei philosophico-historica, julga ter encontrado a resolução do problema em alguns homens que se põem á frente do movimento, quando porém elles, para o sabio, são como o relógio que sôa as horas d'antemão marcadas por essa lei occulta, que chamaremos—Providencia. Poderíamos recorrer ás differentes revoluções* que tem o

1863.

mundo soffrido, porém julgamos melhor estudar perfunctoriamente essa revolução que os nossos adversarios applaudem, e apresentam como o *non plus ultra* da humanidade.

A revolução franceza de 1789, para o homem que acompanhou esse paiz no seu andar progressivo, não veio trazer principio algum novo.—O tumulto das praças publicas, a resistencia do terço aos Estados-Geraes etc. não foram mais do que a reproducção do que se deu em 1356 em as Assembléas populares, em os Estados de Blois, em o governo pelos deputados, em a guarda-burguezia, em as amotinações dos carniceros, em os disturbios dos Armagnacs, Liga e Fronda (1).—Poder-se-nos-ha fallar em constituição e administração; porém na segunda parte d'este artigo daremos um mais longo desenvolvimento, e ahi questionaremos sobre a significação d'estas duas palavras; por emquanto calar-nos-hemos.

A historia, como facilmente se drepheende do que levamos enunciado, servirá de muito em a exposição da democracia, seus males e consequencias funestas.

Não pense alguém que sigamos essa eschola que pretendo tudo resolver pelos factos, mas sim aquella que estuda-os e vê como e porque se dêram e se ainda poder-se-hão dar. Assim, considerando como philosopho-historiador os effeitos que se manifestam á primeira vista e os effeitos remotos, iremos vêr se por acaso o principio produzio aquelles como verdadeiros, ou se, sendo effeitos de causas por nós desconhecidas, se manifestam como decorrendo d'esse principio que se nos patenteou em todo o seu vigor.

A Revolução de 1789, em que se baptisou a humanidade em parte de seos preconceitos que se achavam caducos e que não podiam proseguir pela sua não uniformidade com o caracter e costumes do povo que marcha e se regula pelo principio—Providencia, deixou tambem certos principios que, se o homem não proceder escarpellosamente, poderão acarretar consequencias funestas, e não dar a verdade historica de que se deve possuir aquelle que, consultando os annaes dos povos, terá de examinar a fôrma de governo que mais adequada seja aos costumes, á nacionalidade e aos principios de Moral, diversa e differentemente interpretadas, nunca olvidando as regras prescriptas pela verdade, razão e justiça.

O jurisconsulto e o philosopho que descem ao estudo das sociedades humanas e que vão mesmo ao amago das mais livres, não pódem deixar de attender ao desenvolvimento e coexistencia de direitos diversos, d'onde pela fatalidade da logica, do raciocinio reconhecerá que são esses direitos pela sua harmonia a segurança, a vida do estado.

Ahi verá a ordem, o poder, as liberdades e os interesses como

(1) Capéfigue.—Histoire constitutionnelle et administrative de la France.

que equilibrados para a prosequção do fim grandioso que deve ter em mira (2).

O equilibrio é a honra, o equilibrio é o fim que o estadista deve ter em vista, afim de evitar essas revoluções, factos que hoje alguns exagerados pretendem colorir com o nome de direito, e de *direito natural*!

Não será portanto difficil encontrar em a historia a exigencia d'esses principios, que deve o homem considerar como homogeneos, e nunca como heterogeneos. Se a historia pois nol-os apresenta, e se o philosopho os colhe cuidadosamente, está claro que não se poderá quebrar o passado, embora seja elle dotado d'esta apathia que deverá ter o presente, esquecendo completamente o futuro, que por sua vez virá a ser passado.

Se o estado apathico em a pessoa individual é perigoso e anormal, mais o será em a pessoa collectiva, o Estado. A democracia tem esse grande defeito.

Os publicistas que della se tem occupado, a cada passo apregoam o dominio da razão sobre a tradição, como se por acaso não tivessem ellas eguaes direitos (3).

O governo que não se importar com a natureza dos factos, e que não reconhecer uma lei geral pela qual devemos nos regular, será por certo improficuo, pois que não se poderá elle estabelecer, senão quando hora e o tempo tiverem marcado o seu apparecimento, o seu nascimento.

A hereditariedade, a successão dos factos pede um estudo que não poderá produzir o resultado do que se capacitam os que se acham possuidos de interesses e paixões momentaneas o que julgam poder derribar dynastias e mudar os limites do mundo (4). A liberdade e o progresso não admittem tal doutrina, porque, filhos do passado e com elle se conformando, repellem tudo quanto possa trazer a ruina. O progresso, a liberdade regular é o fim a que se deve attender, porém nunca consentindo que, semelhantes a Catão em sua *delenda Carthago*, queiram elles o radicalismo. Não se deve destruir instituições, mas sim modifical-as, quando arbitrarías, afim de que em ellas se desenvolvam e se ampliem os direitos diversos do que já fallámos.

Para que o futuro possa ter toda a garantia, é necessario que vamos buscar as raizes das instituições em o passado e julgemos pelo seu valor e influencia em o presente, se durarão somente durante este ou aquelle reinado, ou se poderão ser transmittidas a longas eras com esta ou aquella modificação, ou sem ella (5).

(2) Guizot—Réponse au R. P. Lacordaire.

(3) Dupont-White—Préface à la Liberté par Mill.

(4) Guizot—Sir Robert Peel.

(5) Lord Chatan—Discours.

A durabilidade das instituições denota patriotismo em o povo e a inefficacia dos meios pretendidos para derribal-as (6). Pois se uma instituição é imposta ao povo e por elle aceita, está claro que a sua manutenção se acha de conformidade com os usos, com a nacionalidade d'esse povo, sujeito sempre á verdade, razão e justiça. O rei, o legislador que a tenha querido estabelecer, cheio dos conhecimentos de seus conselheiros ou proprios, terá de levar a sua intelligencia até ao futuro, que difficil se não torna de adivinhar, quando como philosopho estudamos a historia.

A melhor garantia a encontrar-se é o afugentar as nuvens da anarchia que se desenhem em o futuro, e legarmos aos nossos filhos esse passado glorioso que deverá causar a sua felicidade e que, effeito puro, dever-se-ha conter em a causa.

A revolução que muitas vezes rebenta em o seio de um Estado, não produz logo os seus effeitos. Aquellas effervescencias de sentimentos e de paixões, o cadafalso substituindo ao antigo ostracismo e desmoralizando este como Hyperbolo, não deixam chegar a verdade senão sob véos e véos taes que prohibem distinctamente vê-la. A sua força se faz logo sentir por não poderem os homens por muito tempo, por maior estoicismo que haja em a sua vontade, fugir della, por ser um impossivel, por ser ella uma lei fatal, e que consequentemente ha de produzir os seus effeitos, embora opponhamos a nossa vontade, que ahi assemelha-se a esses monticulos de terra que as crianças elevam, esperando fazer parar o rio ou desvial-o.

A revolução ingleza que rebentou em o reinado do infeliz Carlos I, julgado e processado illegal e illegitimamente, não produziu seus effeitos, senão depois da expulsão de Jacques II (7) e em o reinado de Guilherme III, politico digno de respeito, o que pouco se importava com a popularidade (8).

Emquanto reinava o espirito revolucionario e a liberdade com caracter de licença, por não haver o poder e a ordem, não podia olla mostrar-se effeito já mesmo muito remoto e proveniente de ha muitos annos antes da Magna Carta (9).

A revolução franceza de 1789 não podia produzir seus effeitos depois de ter feito rolar pelos degrãos do cadafalso a cabeça de Luiz XVI, rei choio de virtudes e de saber, porquanto a reacção que ahi se manifestava não podia por fórma alguma trazer o resultado almejado, porquanto ella exclue tudo quanto antigamente existia, não se importando de ir philosophica e historicamente procurar o que ahi existiria de bom e que poderia trazer grandes re-

(6) William Pitt—Discours.

(7) Vide Guizot—Discours sur l'histoire de la revolution d'Angleterre.

(8) Voltaire—Siècle de Louis XIV.

(9) Hallan—Histoire constitutionnelle de l'Angleterre.

sultados. E esse é um dos grandes defeitos das reacções (10); começadas ellas com esse vicio, não poderão ser estudadas, senão depois de terem serenado esses mares tempestuosos, que pretendiam tragar o que o passado tinha legado. Quaes filhos improbos, tentam contra a vida do pai, desconhecendo que, por peor que elle seja, é sempre credor da nossa submissão e respeito.

Emquanto a revolução se achava entregue ás garras dos diversos partidos republicanos, ia a França decabindo de sua gloria e sua quéda seria inevitavel, se por acaso o imperador Napoleão I não plantasse o estandarte da ordem, que deveria exceder á exigida, bem como em os casos extremos o medico applica ao enfermo doses mais energicas, que em o principio e mesmo em o decurso da enfermidade poderia causar, ou melhor, causaria a morte depois de muito soffrer.

O despotismo, comò uma reacção, não poderia por longo tempo durar. As glorias alcançadas nos campos de Wagram, Marengo, Austerlitz deveriam encontrar em o seu paiz uma nova Moskow, causada pelo heroe de tantas batalhas.

O governo dos Bourbons succedeo, e desmentio a expectativa geral.

Os conselheiros de Carlos X e de Luiz XVIII não souberam apreciar o seu paiz e a revolução que, pela sua philosophia, no começo veio abrir uma nova era, veio dar um desenvolvimento á razão, que muito conseguiria, se por acaso se reunisse á tradição, á gloria desses reis que deram os primeiros passos para um tal fim.

A França caminhava para a execução de um plano que lhe tinha traçado a mão da Providencia, que ella comprehendêra de um modo imperfeito.

A Providencia guarda esses arcanos, para de longe entreter a curiosidade e o desejo humano, enviando sempre essa luz que deve esclarecer as idéas concebidas pelo pai, e que terão de ser desenvolvidas pelo filho ou pelo neto.

«O homem é autor intelligente e livre de uma obra que não é sua» disse um dos primeiros sabios do mundo (11). E a historia vem mostrar a verdade desta proposição.

O governo parlamentar, o governo constitucional surgio, e ahi se viram estes principios, que sempre tem vivido em luta em os seculos passados e actuaes (12), como que realisaes.

A luta da verdade e do erro, da liberdade e da oppressão ia cessar, porque a Providencia divina ia fazer o homem defender a

(10) Macarel—Droit politique.

(11) Guizot—Civilisation en Europe.

(12) Guizot—Histoire du gouvernement représentatif.

liberdade contra o poder absoluto, a ordem contra o espirito revolucionario, idéas que necessitam de identificação pelo mal, pela morte que póde occasionar a sua separação (13).

S. Paulo—Junho de 1863.

(Continúa.)

O. Conrado Niemeyer.

LITTERATURA

O duende de Porto-Alegre

A' meu amigo E. B. Berlink

.....chaque individu possède certaines qualités, qui le distinguent, et peuvent le rendre particulièrement aimable à quelques-uns de ses semblables: de là un troisième penchant qui rend particulièrement agréable, et reserre plus étroitement, entre quelques membres de la famille humaine, le lien, qui l'a formé, et celui, qui la conserve: c'est l'amitié.

JOUFFROY—Mélanges.

I

Fracos raios de luz merencoria, cortando por entro palmares, vinhão exprair nas arelas de um riacho figuras as mais exóticas; ora um phantasma, rolando, como um pedaço de gelo dos cabeços dos Alpes, tomava proporções gigantescas, ora uma d'essas miragens que nos causão sensações as mais doces, sinzelava-se no areial. Ninguem desconhece o poder magico que sobre nós exercem esses enganos da optica, quando se nos antolha uma cidade, estando em arido deserto, ou um oasis na solidão dos mares: os matalotes de Colombo virão muitas ilhas, que se esvaião ao albôr da aurora; os soldados do Egypto pasmarão muitas vezes á vista de exercitos, que se desenhavão no horisonte. O pudibundo astro da noite, sentindo que a natureza repousava, afugentou o véo e as rendas que vendavão seu bello semblante, e, vendo-se nú no azu-

(13) Guizot—Mémoires.

lado céo, veio banhar-se no manso regato, onde as estrellas lhe sorvião de nymphas.

As ramagens dos palmares deixarão de balouçar-se, e os Eolos, que fazião chocar suas ramas, correrão a outras regiões, e as negras visões, quaes as concebeo Hoffman serão sepultar-se nas trévas; a calma e o silencio formárão reductos ao movimento. N'essa morte apparente e n'esse ermo lugar respirava alguém, não o sópro da vida animal, mas o sópro d'alma, de reminiscências passadas, arrimando-se a um velho tronco carcomido pelos tempos. Os andrajos, as rugas cavadas pelas edades e os raros cabellos alvacentos indicavão—do povo um homem,—da convicção uma victima, do passado um momento,—do futuro uma victoria.

Quem elle era, ninguem o sabia; sua vida excepcional cifrava-se em vellar alta noite junto ao riacho, repousando em suas recordações, que erão o raio furtivo e vivificador na humidade das trévas de sua existencia; com mui poucos tinha tracto, com nenhum intimidado. Descrendo dos homens, sua fé religiosa se firmava ao aspecto da natureza; d'elles fugindo, suas relações se expandião com o ciciar das arvores, fiel amigo de suas solidões. De quando em quando contrahião-se seus membros, um tremôr frisanço tiritava-lhe a voz, o pesado corpo titubava: era como um passaro perseguido, lutante, cujas pesadas azas vão perdendo a elasticidade, e, estirando os pés, está prestes a tombar no abysmo. Uma noite o sanctuario do septuagenario foi trahido por um d'esses acasos, em que a Providencia Divina nos leva pelo trilho do amor do proximo a conhecer as victimas das sanhas humanas, ou a saber os affectos nobres e dôces concentrados em peitos d'homens mysantrópos. Assim fallava elle:—este borbórinho de ha pouco e esta calma de agora assemelhão-se á pressão continua do ferro e ao silencio sepulcral sob que gemião os colonos brazileiros; estas sombras, a multidões de rebanhos, tocados por pegureiros, que, presos aos pastores, como estes aos fidalgos pelo preito e homenagem, ião todos prestar vassallagem a El-Rei, cupula do organismo das sociedades antigas, onde dizem, assentavão-se a *razão e a justiça*

Estas sombras porem são afugentadas e descosidas, porque pallido, mas suave raio de luz tremulou n'osta alameda; fugirão, porque a luz traz consigo um calór, e com o calór, a vida; porque a luz é a civilisação, e a primeira palavra da civilisação é a —liberdade—. . . .

Como ha pouco a natureza representava o mundo das idéas?

Como ha pouco esta altiva palmeira, este aristocrata—rei, tomia a ventania e vergava suas ramas a quem a faz grande, a quem lhe dá força e poder,—os grãos de areia! Como ha pouco estas sombras ambulantes tão fielmente representavão os povos fazendo

reconhecer seus direitos, patenteando sua natureza em ondas encapelladas e successivas! Como ha pouco se manifestavão tão claramente as leis que dominão os sêres intelligentes e livres,—a fraternidade e igualdade perante Deos! a consolidação do bem-estar com o desinteresse no repudio de todo o principio egoista, e a marcha das idéas, estabelecendo uma unidade na variedade infinita de applicação e desenvolvimento! E hoje o que vemos?! Poucos são os p̄cursores das massas, poucos os de firme convicção e que estão prestes ao holocausto; bandidos aqui e ali, enfraquecendo-se e dando azas á ambição, não se consolidão; menospresando as idéas, entregão-se exclusivamente aos instinctos; diante das cousas que fascinão, embriagão-se e tonteão, deixão o real,—a verdade, o bem e o bello!

A vaidade d'este seculo deixa em sua esteira um tapete de lucto!

O pauperismo, resultado da desigualdade material dos bens, torna-se crescente e assustador! Felizmente porem as leis da natureza imperão, e o contraste das fortunas faz nascer um contraste mais singular: lá nos ricos palacios, onde torneados e sôfos divans inclinão-se sobre coradas e pollidas paredes, onde a architectura e as gothicas portas indicão a passagem de gerações, onde existe uma atmosphaera continuamente perfumada, não se goza muitas vezes a felicidade, ou quando se goza, a arte diminúe-lhe a intensidade; quem não vê porem o contrario na cabana da aba do monte, onde a natureza núa, despida das apparencias, nos dá a intensidade do prazer?!—

Aqui interrompeo o velho. Mansos e ligeiros passos se ouvião do lado do poente, e em brevê uma menina de treze annos, cujas vestes alvejantes, contrastando com as negras madeixas, fazião sobresahir um rosto pallido, sobre o qual cahia obliquamente um raio de prata.

—Meo Pai! disse ella.

—Minha filha! respondeo aquelle, abraçando-a.

—Ha uma hora que o procuro, amado pae. Fui áquella pinha de arvores, fui ao tosco banco da beira do rio, e... nada de encontral-o; afinal, eil-o a scismar só e sempre triste! Vamo-nos, que ha de se distrahir com este bello luar, que dá na nossa formosa bahia.

—Filha, se tivesses visto o que vi, sentido o que senti, pensando o que pensei, já não existirias. Não vês quanto me são ingratos os tempos modernos? Como não queres que viva desse passado que, se tom algum painel negro, tambem tem quadros cuja luz me dá alento, e de que tu és um dos principaes coloridos? Fica pois junto a mim, dá-me com tua presença mais viva reminiscencia d'essa idade que lá vai, e conforta-me o animo com teu amor filial.

—Se os tempos vos são contrarios, esperai em Deos: bom, elle nos soccorrerá; justo, castigará os vossos oppressores. Mas vamos, que são deshoras; vamo-nos, que esta noite de abril está maravilhosa: a lua de prata se reflecte com todo o brilho n'estas mansas agoas, as areias parecem entremeadas de esmeraldas e o ramalhar das arvores ás vezes me mette medo; e vós já estaes alquebrado pelos annos, o eu moça. . . . vamos, meu pae.

—Tons razão, filha, vamos. Ajuda-me a erguer esta ossada, o dá-me o teu braço.

Encaminharão-se para o meu lado, e, como atraz da arvore em que estava, eu seria inevitavelmente descoberto, achei melhor fugir que por ali me dirigia, e de um salto achei-me junto d'elles.

—Piedade, Sr., me disse elle, para um pobre velho e sua filha!

Estas palavras, que demonstravão os receios do ancião, calárão-me fundo n'alma. Nada respondi, e, com a cabeça descoberta, com esse symbolo de respeito, passei junto d'elles; com os olhos humidocidos, dei com os olhos da menina, que só exprimião candura e pureza. Bella, como o são em geral as donzellas do Sul da America, e em toda a simplicidade natural, não apresentava a affectação que se cultiva nos salões; a cintura, flexivel e tenra como o vime, sustentava um formoso e alvo cóllo. Fui me pôr na borda do riacho. D'ahi a momentos moveo-se o remo, e a corrente levou o fragil batel; soou uma voz argentina e maviosa, que não tinha rival entre os cantores da solidão dos bosques, e a briza, beijando de leve os labios da moça, recebia aquelles sons metallicos e sonoros e os levava em penhor pelo espaço, sem cansarem os échos de os repetir. Ainda de longe, bem longe, ouvi aquelles sons sumidos, mas sempre ternos!

II

Ainda as ultimas cumiadas de nuvens erão douradas pelos raios do sol, quando eu já caminhava para o sitio de espera; acendi o cigarro, e com prazer vi que já esclarecia o assombrado horisonte o clarão da lua. D'ahi a uma hora movia-se a passos lentos o ancião, trazendo ao braço um violão; o velho era tambem poeta. Assentou-se e tangeo aquellas notas agudas e sentidas, que fazem lembrar lendas e contos de soffrimentos e martyrios; afinal calouse o instrumento, e, olhando para o céo, disse:—Já lá vai na voragem dos tempos, no vendaval do passado essa idéa que filtrou-se por todo o continente americano,—federação de republicas!—Já lá vai, na voragem de tantas vidas e riquezas, essa revolução do Rio-Grande do Sul, cujo resultado foi miseria e tristeza; essa cratera, que deitou lavas por dez annos, resultante d'uma má administração! Ella que se apresentou forte como uma ilha que se levanta

do fundo do mar, e terrível como o sorvedouro de Malstrom! Ha um dia em que um raio de luz, passando a furto pela fresta da capa de ferro da tyrania, vem espelhar-se na consciencia do povo, que reconhece seus direitos, sua força, seus recursos. E' então que os elementos da civilisação o levão, como movido por toque electrico a abalroar-se no suppedanco do throno. N'este baralhamento das vagas populares surge um Neptuno, um d'esses inspirados, dominando as massas com a palavra e abatendo, se lho apraz, um throno! Ah! como era bello vêr manejar n'esso mar de campo a todo o folego essa valente cavallaria, a primeira do mundo! Como o entusiasmo robustecia braços juvenis, fazendo vôar a seus esquadros filhos e estrangeiros! Como se estendia veloz como o pensamento, volvendo as luxentes lanças, já disperso, já unida, ou ligeira sumindo-se n'uma picada, n'um desfiladeiro!—

Fadigado de encontradas paixões e idéas, o ancião cahio n'um estado apathico; dir-se-hia insensivel, se o respirar constante não denotasse que o sopro vital não havia desamparado aquelle corpo.

Por este tempo, pelo sombreado do riacho deslisava-se a pequena canoinha, semelhante a uma gentil serpente requebrando-se em meneios. Pelo mysterio que trazia, parecia um Narciso procurando as sombras, para que o reverberar da claridade sobre as agoas não o fizesse namorar-se de sua propria belleza. Ao atravessar uma nuvem que trazia á terra uma penumbra, tinha desaparecido, e a lua, resplandecendo com todo o brilho, mostrou-a sobre a canoinha preta, com seus alvejantes vestidos, tão bella, que mais bella não pode haver.

Chegada á praia, voou a atirar-se nos braços do pae, e apertou-o em tão estreito abraço, que este sobresaltado exclamou: quem é? não me mate!

—Sou eu, a vossa querida filha, que vem arrancar-vos a esse extasi de tristeza, a essa melancholia perenne e rasgar esse véo annuado que cobre a vossa existencia. Oh! meu pae, se eu pudesse soffrer todos os vossos males, comtanto que os não soffresseis, seria o ente mais feliz do mundo!

—Sim; e eu infeliz, porque soffrerias o que eu devia soffrer; não pensemos n'isso. Sempre és um anjo de bondade. Chega-te cá, disse elle, fazendo-a sentar ao pé de si, como estás bella com este vestido e esta linda flôr; ora dize-me, nunca pensaste em casar?

—E para que, se tão feliz sou com meu pae, se vivo só por elle?

—Anda lá, retrucou o velho com malicioso sorriso, e aquelle jovem triste e meditabundo que pela manhã senta-se no topo do monte, e ao crepusculo da tarde anda com passo lento a mirar-se nas aguas, que se curvão na bella chapada que do lá se avista?

Um ligeiro rubor tingio-lhe as avelludadas faces, e com voz se-

gura disse: Penso como meu pae, elle mostra interessar-se por mim.

—E não o estimas tu?

—Mentir não posso, disse ella confusa; aquelle modo de amar que se assemelha ao vosso de padecer, ao mesmo tempo que me entristece, me encanta; eu o estimo.

—Bem respondido, disse o velho trasbordando de alegria; casarás com elle. Bem vêes que este corpo alquebrado e estropiado está prestes a descer á tumba, e um presentimento me diz que será breve.

—Oh! meu pae, não digais tal, isso me dóe muito, nunca pensei em semelhante cousa, nem pensar quero, porque então a luz ser-me-ha trevas; a vida, um martyrio; as bellezas da natureza, tristezas; o nosso lár, um tumulto; enfim eu irei comvosco.

—Está bem filha, não me entristeças, nem me faças correr as lagrimas; não fallemos mais n'isso. Vou contar-te umas reflexões que hoje fiz, o cuja narração tem mais sabôr aqui ao relento; dando-lhe um beijo na frente, começou:

III

—Pensão alguns escriptores, Esquiros é d'esse numero, que os povos mais independentes e mais livres são os montanhezes, acostumados desde tenra idade a não cederem sua soberania, senão á supremacia da intelligencia ou da força; mas se por esse lado tem-se visto surgir das montanhas hordas que constituem verdadeiras republicas, é tambem inquestionavel que, estranhas aos tractos da civilisação, são as mais das vezes escravizadas á natureza do terreno que habitão; assim materialmente fallando, sem o conhecimento dos meios de vencel-a, ficão estaticos diante dos abyssos, ou olhão a amplidão do rio, sem podel-a transpôr.

Ora os camponcezes não oncontrão a maior parte d'estes obices; por consequencia a proposição não é verdadeira em these, portanto os habitantes do Grutli e dos Apeninos não são mais livres do que os de nossa campanha.

Moralmente fallando, é que, pelo amplo desenvolvimento de nossas faculdades, pelo conhecimento apurado das idéas e civilisação do seculo, nos fazemos mais ou menos livres; é por isso que diz Dunoyer: «só chegamos a sêr livres á proporção que nos fazemos industriosos e moraes.»

—Mas, meu pae, eu já tenho lido ou ouvido dizer que a civilisação amollece os costumes, extingue os sentimentos nobres e que, em vez de aperfeiçoar, corrompe.

—E' verdade, e até se tom dito que, desenvolvendo nossa razão, abalamos nossas crenças religiosas, em virtude do exame das

formulas da nossa religião, e que queremos tudo destruir, sem saber melhor compôr. Rousseau diz: « Assim como as agoas do oceano estão sujeitas ao fluxo e refluxo, assim os costumes e a probidade estão sujeitos ao progresso da sciencia e das artes. » Benjamin Constant diz: « Houve um tempo em que a especie humana parecia submergida no abysmo, porque uma prolongada civilisação a havia debilitado. » Um outro escriptor diz: « as sociedades se extinguem por excesso de civilisação, como os corpos humanos por excesso de gordura. » Ora eis ahí opiniões respeitaveis por seus autores, mas no entretanto mostrando que elles de factos isolados, de modalidades a que está sujeita a especie humana, quizerão tirar uma causa geral sem fundamento na maioria dos factos que nos apresenta a historia. Estes escriptores pois, partindo de factos isolados, que, em vez de serem consequencias da civilisação, são pelo contrario forçosas illações do estado de barbarismo, querem firmar em regra geral o que não passa de anomalia.

E de facto, civilisar é, como diz Dunoyer, fazer apto para a cidade, é adquirir virtudes e habitos sociaes, melhorando nossa condição e fazendo-nos marchar *pari passu* com as eternas verdades; logo tudo que a isto não tender, não será civilisação, e dizer que ella deprava, é dizer cousa contradictoria. A riqueza que elles fazem como o primeiro manancial de depravação, é ao contrario uma poderosa móla para melhorar os costumes, fornecendo meios á educação, apurando o desenvolvimento das artes uteis, dando incentivo aos descobrimentos e movendo um feliz impulso na actividade humana, cujos corollarios são a commodidade e amenidade de nossa existencia. A exorbitancia da esphera moral e juridica, a má applicação de um principio que tem sua orbita de acção, as paixões desenfreadas e em desalinho, que não olhão a luz da razão, são factos que, em vez de desabonarem a civilisação, mostram ser primogenitos do barbarismo.

Em nossas relações politicas é que as luzes do progresso ainda não penetrarão com toda a sua força, ainda se conservão bruxoleando no horisonte, porque o furôr das paixões lhe impedem o brilho; ainda não allumiarão o circulo dentro do qual se abriguem, seguros de si e dos outros, os viajeres sociaes. E' por isso que a imprensa, transviada muitas vezes de seu fim santo, torna-se propagação de sophismas e immoralidades. E' por isso que a tribuna, desviada muitas vezes de seu fim evangelico, torna-se um fóco de imprecações e calumnias!

A época em que o progresso fortificará os espiritos dos Brasileiros, dando-lhes a consciencia de seus direitos e amor ás suas crenças, não está longe; então seremos felizes; os poderes constituídos por nós, attentos, cautelosos e prudentes, buscarão satisfazer incansavelmente nossas necessidades, dando, segundo a verdade,

razão e justiça, os premios e os castigos a quem fór de direito. Então uma ultima vaga, passando por sobre este sólo de Santa Cruz, levará a escravidão, os privilegios e todas as demais desigualdades ficticias, que a vaidade humana tem creado, ficando as desigualdades reais, as que resultão da multipla direcção e applicação das nossas faculdades. Então os governantes e governados se olharão sem rancôr, diariamente convergarão os seus negocios, e, na phrasa de Bentham, se instruirão mutuamente. Então a liberdade e a ordem, que não são cousas heterogenas, existirão de mãos dadas.—Eis ahí, filha, Deus queira que esta prelecção se incarne em teu coração, que minhas palavras não sejam sementes cahidas em arido rochedo; porque és mulher, talvez sejas mãe, e o bom filho, o bom pae, o bom cidadão se forma com germens lançados n'alma pelo carinho materno.

—A recommendação é inutil, porque meu pae sabe que cada um de seus principios é para mim um idolo, cada uma de suas palavras uma religião. Mas, como hontem já nos demoremos muito, é demasiadamente tarde; a neblina começa a condensar-se, e a lua, escondendo-se no horisonte, vai escuracer a bahia; esperemos nosso nicho, que é um verdadeiro Eden, um oasis vendado aos olhos dos Porto-Alegrenses.

—Oh! e não sabes quanto sinto não poder apparecer, não por mim, mas por ti que és um anjo, uma formosura.

—Ora não pensem n'isso, meu pae. Não disse alguém que o estado da natureza era o melhor? Ali nós somos reis.

O velho sorriu-se e tomou o assento da prôa da canoinha, enquanto a menina, sentando-se na pópa, começava com seus torneados, mas vigorosos braços a mover-a. Tendo entrado na formosa bahia do Guayba, firmou a pequena velinha que se achava no fundo da canôa, e uma ligeira brisa, beijando a face das agoas, agitava-as brandamente, de modo que n'aquelle dóco balanço a canoinha assemelhava-se a uma formosa quivota. Perto das Pedras Brancas perdi-os de vista.

IV

Erão já quatorze dias que não via nenhuma das tres entidades d'este veridico fragmento: — a canôa, a menina e o velho; eis que no decimo-quinto, bemaventurado sabbado que nos lembra a não existencia de aula no dia seguinte, pelas onze horas da noite, vi a canôa e a menina, mas de aspecto lugubre. Chegada á praia, amarrou no mal aparelhado banco a triste companheira de seus infortunios, e, indo vacillante, parou junto ao lugar onde costava-se seu velho pae; o, olhando em redor de si, ajoelhou-se, começando fervorosa oração. O seu traje preto, e os cabellos em

desalinho, e as faces lividas, e as mãos de jaspe a tremerem, e o continuo arfar do peito, mostravão uma dôr immensa, profunda. Tive tal impressão, tal sentimento de compaixão, que ao mesmo tempo que uma fôrça me impellia a consolal-a, outra egual me detinha immovel, estatico pelo respeito á dôr, pela santidade do soffrimento, pelo segredo das lagrimas; afinal, fazendo um esforço sobre mim, adiantei-me, e quando ella terminava a oração, disse-lhe:

— Menina, porque chorais? Que é de vosso pae?

Sobresultada encarou-me, e por um instincto de temor quiz fugir.

— Não tendes receio, lhe disse, conheço a vossa historia, soffrirei comvosco; dizei-me, que é de vosso pae?

A' esta pergunta uma pallidez de morte cobrio-lhe as demudadas feições, e, com um arranco do fundo d'alma, disse:—Morreu!

— Mas, o seu nome, como se chama elle?

— Oh! isso é um segredo insondavel; enquanto me pulsar o coração, não revellarei.

— E o vosso amante?

— Ah! o ingrato! Depois de me apparecer como uma sombra, depois de lançar-me o germen do amor, fugio! Disse-me a minha ama que hontem lá fôra dizer que seu pae o obrigava a ir a longes terras, de modo que hoje só tenho no mundo a minha segunda mãe, soffrendo comigo, amando-me e interessando se por minha sorte.

— Enganais-vos, menina, eu tambem vos estimò; eu amo os infelizes. Tenho minha mãe, que é um anjo de bondade; vinde morar com ella, que vos tractará como filha e vos tornará a existencia suave.

— Obrigada, generoso mancebo. Fiz um voto solemne, um protesto inviolavel, do qual fôrça alguma poderá demover-me: o de sabir todas as noites de minha ignorada ilha, vir por esta bahia tão bella, tão magnifica, e hoje tão tristonha, entrar n'este riacho que serpentêa tão suavemente, e vir aqui n'este solitario lugar derramar copiosas lagrimas por aquelle que me deu a existencia, de quem eu era o idolo, o futuro, a felicidade! Se soubesseis como elle me amava!

Uma torrente de soluços embargou-lhe a voz. Quasi que não tive nada a dizer perante tão intensa dôr; lembra-me que escapáram-me estas palavras:—Concedo que sintais o passamento de vosso pae, mas não deveis renegar o mundo.

— E para que me serviria hoje a sociedade? Para invejar a felicidade que aquelles que têm pae, gozão, e aquelles que têm amantes, fruem? ou para ser ludibriada e oscarneida por esses mesquinhos d'alma, que não comprehendem a profundidade da dôr?! Jámais! Quero antes, quando tudo resona, debruçada em minha canoinha, sentir as lagrimas, que vão de leve tocar a superficie

das agoas; quero antes ser a protectôra dos pescadores lá dos meus arredores; quero vir mansamente, sem ser sentida no meio das trovões, conversar com uma sombra, chorar com meu pae, fallar com um tumulto, sem que os insensatos me apontem, e digão:—é uma louca.

— Bem; nada me resta senão respeitar vossa firme resolução; acreditai porém que em mim tendes um devotado amigo.

— E eu votar-vos-hei eterna gratidão. Lembrai-vos sempre d'esta infeliz. — Dizendo isto, encaminhou-se para a sua canoinha e de longo me disse: — Adeos! — Adeos! lhe respondi.

E aquelle lindo cysne do mar, que ha pouco encantava a bahia, tornou-se um d'aquelles passaros pretos que fendem os ares nas noites de tempestade!

Retirando-me, ouvi os tiros dos navios de guerra que saudavão a aurora.

Por este tempo começou a vagar o boato e a contar-se com temor supersticioso que na alameda do riacho andava em horas mortas um sêr mysterioso, fada ou duende, vestido do preto o com os cabellos desgrenhados. O povo facil de tomar-se de taes impressões, fugia d'aquelle sitio.

S. Paulo—Janeiro de 1863.

F. P. de Miranda e Castro.

A Comedia do Ridiculo

(TRECHOS.)

I

Não sei como isto succedeo; o caso é que eu estava triste, aborrecido, macerado e indigesto de tanta poesia sentimental, elegiaca, descrento e lamuriosa, e de tanto romance sceptico, atheo, bacchico e sedicioso. Sahi de casa um pouco escandalizado com os meus botins e collarinhos: com os primeiros, porque machucavam-me os calcanhares; com os segundos, porque beliscavam-me o peçoço. Principiei a vaguear pelo campo. Depois a natureza.... Oh! a natureza!... estava insupportavel n'esse dia! As campinas placidas e risonhas lembravam-me as bemaventuradas bochechas de um vendilhão; o sol, um gordo proprietario visitando seus inquilinos; os passarinhos, uma orchestra de barbeiros, que sempre tocam a

mesma cousa, sem variar uma nota! Saquei da algibeira um celebre cachimbo allemão e um pedaço de opio, unicas reliquias de meus tempos Hoffmanicos, e assentei de fazer, ao menos por uma hora, o papel de mandarim. D'ahi a pouco tempo creio que dormia como um vigario depois do jantar.

II

Uma sonata deliciosa de instrumentos estranhos arrancou-me do meu estado canonico. Abri os olhos, e confesso que fiquei pasmo, estapido! Estava em um bello aposento forrado de setim azul celes-te; uma nuvem, suave dos mais doces perfumes, erguia-se dos brazeiros de prata e ia lambar o tecto doirado donde pendiam riquissimas lampadas; uma claridade tépida e molle rompia a medo as longas cortinas de damasco alaranjado, e derramava pelo recinto um ar languido e mysterioso. Meu corpo descansava em um leito de sandalo entre finas coberturas de velludo e setim, minha cabeça repousava sobre almofadas de arminho, embebidas de suavissimos aromas. Julguei sonhar... tornei a cerrar os olhos e voltei-me para o outro lado. Um ligeiro toque sobre o rosto, uma esponja de vinagre nas ventas me fez espirrar; abri de novo as palpebras e vi diante de mim um amavel, nedio e bem educado negralhão, de calças á turca, turbante e alfange ao lado.—Que queres, maroto? perguntei agastado.—Respeitabilissimo poeta, respondeu-me o Ethyope, sou Mesrou, chefe dos eunucos do kalifa Haroun—al—Raschid; venho despertar-vos, porque a mesquita já chama os crentes á oração.—Retira-te, biltre! sem duvida teu amo quer fazer commigo o mesmo que fez com esse pobre Abou—Assan, o dormente acordado?!—Não, estimavel senhor, retorquiu o negro, o kalifa já perdeu essas phantasias, hoje é um homem serio e grave como um kalender; erguei-vos, a madrugada é fresca, vinde gozar do esplendido panorama de Bagdad e ouvir as melodiosas cantilenas dos pescadores do Tigre.—Seja, respondi com toda a dignidade.—O chefe dos eunucos bateo palmas e cinco lindas mulheres trajadas á oriental, mais lindas que as hurys do propheta, precipitaram-se no aposento.

III

Chamava-se a primeira Medora; a segunda, Gulnare; a terceira, Zulema; a quarta, Azarath; a quinta, Haydea; isto me disseram ellas ao aproximar-se de mim. Vinham erguer-me e ajudar-me a vestir. Minha admiração dobrou; nunca pensei encontrar juntas todas estas formosas creaturas, que por tantas noites me perseguiram em sonhos, e atraz de cujos graciosos phantasmás eu

tinha desperdiçado a metade de minha vida. Depois de lavado, vestido, penteado e perfumado, abandonei o aposento de dormir, seguido por estas lindas imagens, escapadas talvez ao velino ou ás télas de Ticiano e do Ingres. Entrámos em um salão, que era um maravilhoso jardim. Lyrios entrelaçados, nenufares curvos, magnolias languidamente pendidas, rosas, jasmims, nymphéas, amaranthos decoravam as paredes; as borboletas de mil côres, as abelhas loiras como o mel, os colibris, as aves do paraizo, os rouxinoes da Persia voavam, cruzavam-se, cantavam, como na sala do archivista Lindorsth o mysterioso pai de Serpentina; um repucho de marmore, no meio, derramava uma chuva de brilhantes liquidos sobre um tanque de crystal, cheio de peixinhos doirados. Realidade ou sonho, gozo ou loucura, eu tinha aceitado o meu papel; pouco me importava o resto.

IV

Ellas me deixaram no meio do salão e fugiram, fugiram minhas ingratas e lindas companheiras como um bando de andorinhas! Olhei para todos os lados, e por fim descobri um homem sentado em um canto com um livro sobre os joelhos. Apenas o avistei elle levantou-se: era alto, esqualido, magro e zaimbro como um rabecão empenado; estava vestido á maneira dos antigos cavalleiros, e tinha uma lança ao lado.—Bem sabia da tua chegada, me disse com voz lenta e rouquenha; estou incumbido de guiarte por estes logares, e serei para ti o mesmo que Virgilio foi para o Dante; aproxima-te.—Oh! meu mestre! exclamei eu, dissei-me o vosso nome, e explicai-me por que razão mereço tão grande dita.—O longo personagem empertigou-se magestosamente, collocou um estranho objecto sobre a cabeça, empunhou a lança e bradou:—Porventura não me conheces agora?—D. Quixote!... murmurei, fulminado de admiração.—Sim, é elle mesmo, respondeu-me.—Olhei em torno, e uma triste idéa me passou pelo cerebro.—Ah! senhor, dizoi-me onde está Sancho, o vosso bom e fiel Sancho?—Sancho?... repetio o heroe da Mancha, está no reino do céu, a que elle tinha direito; bemaventurado Sancho!—Depois, sacudindo bruscamente a cabeça, disse-me com tom imperioso: segue-me.—Entrámos em um outro recinto vasto e apinhado de estranhos personagens, uns conversando, outros cantando, outros declamando em voz alta, outros gritando com toda a fôrça dos pulmões: era um barulho horrivel, atroador! um ar quente de milhares de respirações, uma atmospherá pejada de poeira!—Presta atenção, disse-me o meu guia; vou te mostrar cada uma d'estas pessoas, dizer-te seus nomes, lembrar-te alguma cousa de sua historia, que sem duvida conheces; adiantemo-nos.

V

Uma mulher alta, magra, de olhos encoados, conversava com um amavel senhor, baixo como um póte e rotundo como um astro. A dama parecia soffrer de um catarro chronico, porque a cada instante tossia desesperadamente e cobria o chão de escarros; o cavalheiro tomava repetidas pitadas do rapé e endireitava de quando em quando os oculos de quatro vidros, que estavam acampados em seu nariz povoado de verrugas e pimpolhos. Atraz desta senhora e deste senhor, estava uma rapariga vermelha e gorda como uma padeira, e um individuo secco e mirrado, com o craneo ao lado direito forrado com uma grande chapa de prata.—Quem são estes? perguntei a meu guia.—Os dous da frente, respondeu-me, são Margarida Gauthier e Armando Duval.—Será possível?! interrompi.—Sim, e a rapariga e o sujeito magro que estão por detraz, são Manon Lescaut e Werther; este ultimo até pôdes conhecer pelo rombo que lhe fez a bala na cabeça, felizmente tapado por um habil medico.—Santa virgem do céu!... e Carlota? perguntei.—Carlota está morando entre o Tigre e o Euphrates em companhia de Child-Harold que a raptou.—E Alberto?—Esse, respondeu-me o meu guia, estabeleceu uma casa de especiarías no Porto, e consta que se tem enriquecido bastante; está de sociedade com René; o conde de Monte-Christo, que os protege, foi quem lhes forneceu o dinheiro para começarem a vida.—E' celebre!... murmurei eu commigo, quem tal o diria!—Vou mostrar-te cousas ainda mais pasmosas, continuou D. Quixote, vês aquelle sujeito barbado que toca realejo n'um canto, e aquelle outro que, sentado pacificamente, concerta os seus sapatos, cantando?—Sim.—Pois bem, o primbeiro é o Dr. Fausto; o segundo, Manfredo.—E' impossivel! exclamei.—Impossivel? porque? Lord Byron o Gœthe têm feito os maiores esforços para tirar d'ali esses dous originaes; entretanto elles estão tão cansados, tão aborrecidos de suas antigas glorias, que nem o proprio Messias arrancaria a um o seu realejo; a outro, os seus sapatos e vestes, de que trata cuidadosamente.—Louvado seja Deus! murmurei.—D. Quixote puxou-me pelo braço, e continuámos o nosso caminho.

VI

A poucos passos encontrámos Ophelia com um caustico na nuca, Hamlete com os guizos de Yorick e Jocelyn a suspirar dolorosamente. Tudo isto me espantou; não pude porém deixar de sorrir, quando o meu guia explicou-me que a causa da tristeza deste ultimo era estar suspenso das ordens, em consequencia de seus es-

candelosos amores com Laurencia. Mais adiante um pouco vimos Heloisa a fiar, e Abelardo decorando uma obra philosophica sobre as paixões humanas.

(Continúa.)

F. Varela.

POESIAS

Senda perdida

Lembra-me ainda!... das caméllas pallidas,
 Dos lyrios da campina Deus formára
 Seu corpo encantador;
 As tranças longas, dos sendões da noite,
 O seio palpitante e perfumado,
 Das lagrimas de amor!

A estrella da manhã, beijando a medo
 O calix morno da nymphéa amada,
 Deu-lhe aos olhos a luz;
 As perolas de Ophir, os alvos dentes;
 A voz, a ondina que resvala nua
 Sobre os lagos azues!

O seu rosto era languido, suave,
 Triste d'essa tristeza etherea e santa
 Que atrahê adoração,
 E seus olhares n'alma recordavam
 Um tempo que passou, rosas desfeitas
 Ao sôpro do soão!

Lembra-me ainda!...—mocidade, sonhos,
 Glórias, futuros, esperanças aureas
 Tudo puz a seus pés!
 Por poucos dias estraguei dez annos,
 Por ligeiro gozar, da vida o ramo
 Alastrei de parcsis!...

Oh! foram só tres mezes, mas tres mezes *Trois ans*
 De delirios, de febre, de vertigens
 De férvida paixão!
 Tres mezes eu e ella abandonados
 Erguemos a tres seculos no abrigo
 De ignota habitação!

Tres mezes!... conheci quanto mysterio,
Quanta delicia, quanto arcano encerra
Um seio de mulher!...
Ai! sepultado n'esse amor sem termos,
Nem de meu Deus, nem do universo inteiro
Me lembrava soquer!

Da Persia sensual, da Arabia ardente
O incenso, a myrrha, o sandalo, a baunilha
Em ondas nos cercavam;
Sedas e flôres, harmonias meigas,
Cantos, bafejos, junto a nós continuos,
O somno amenisavam.

O dia, o sol, os campos de meus olhos
Tornaram-se inimigos; eu não tinha
D'elles fragil lembrança;
Era-me o mundo esse recanto morno
Onde languê belleza repousava
Em tépida nuança.

Mas ah! tudo se passa!...—ao grato estio
Succede o inverno, que desola o globo
E arraza a criação;
A' loira infancia, a rispida velhice,
Que mata as illusões e as flôres terra
No frio coração!

Assim um dia, desolado e triste,
Como o mendigo no deserto exposto,
N'um ermo despertai,
E a doce imagem das ardentes noites,
Gozos da vespera ao redor, sombrio,
Debalde procurei!...

Tudo havia findado!... o moço de hontem
Tinha-se erguido lívido, alquebrado,
Sem sonhos, sem porvir,
Cheio de cardos o jardim da vida,
Pejado o céu de sombras, morta a aurora,
Sem um lyrio se abrir!...

E ali nas sedas do divan macio,
Inda amolgadas do suave peso,
Seu corpo eu julgo vár,
Inda os perfumes da madeixa longa,
Tão negra como a morte, allucinado,
Penso ardente sorver!

No vaso japonês pendem ainda
Murchas as flôres que deixou cansada,
Voltando do passeio,

Esquecido ao bufete o fino lenço,
Reliquia santa que requeimo em beijos
No louco devancio !

Aqui, all um cravo, uma camella,
Uma fita cheirosa, amarrrotada
Uma luva mimosa,
São tantos marcos que o passado lembram,
Tanta lembrança que espedaça e rala
Minh'alma dolorosa !...

Se á meia noite, reclinado á mess,
As emoções que rugem no meu seio
Tento embalde escrever,
Sinto sua face se encostar na minha,
Seu halito, suave como um sonho,
Por meu rosto bater !

E um fogo insano abraza-me as artérias,
Meus olhos se escurecem ; louco, cego,
Arrójo-me a chorar ;
Como as ondas do mar em tempestade,
Sinto no craneo um turbilhão de ideias
Horriveis rebentar !

Beijo-a sonhando nesse pobre leito,
Onde outr'ora com ella immensas noites
Em delirio passei ;
Sinto o aroma que esparzem seus cabellos,
Tremor os seios nós de gozo ardendo,
Como outr'ora os amei !...

Ai !... vem, vem minha estrella do passado,
Quebra a barreira que ante nós se eleva,
Vem amar e viver !
Quero pousar meus labios incendiados
Em teu collo de neve, vér teus olhos,
De volupia morrer !

Quero outra vez cerrar-te no meu seio,
Quero outra vez sentir-te nos meus braços
Morta, morta de gozo !
Escoar e fugir, voltar tremendo,
Fechar os olhos, entreabrir os labios
Em delirio amoroso !...

FAGUNDES VARELLA.

Despedida

Vaes partir, ó donzella! e nem tu sabes
Que n'alma me ficou triste lembrança,
Que devo este amor no meu silencio,
Que por ti concebi louca esperanza!...

Vaes partir!... e no véo de uma illusão.
Desfez-se o meu amor n'um triste pranto!
Nas azas da saudade te seguindo,
Elle vas soluçando aereo canto!...

Vaes partir, ó donzella, quando a vida
Era só para mim perfume e flôres,
Tu partes quando a aurora da existencia
Começava a sorrir-se a meus amores!

Tu partes amanhã, quando as auroras
Começarem no céo a fulgurar,
Quando a ave seu canto matutino,
Cheio de amor e doçura, além trinar!...

Tu partes como a estrella fugitiva,
Como a lua deixando a noite triste,
Tu partes como a nevoa da manhã,
Que do sol ao raiar sómente assiste!

Tu foste a lua, a estrella que brilharam
Pelo céo de meu triste coração,
Branca nevoa que foi se desfazendo
Ao primeiro raiar d'esta paixão!

Tu foste a nivea garça que pousou
A' sombra de minh'alma de passagem,
E que as azas bateo depois fugindo,
Deixando reflectir no arroio a imagem;

A pagina primeira e mais brilhante
Do livro que contém a minha historia,
O anjo que velou-me á cabeceira
O meu sonho de amores e de gloria!

E nunca o coração teu de innocencia
Por mim um só momento palpitou!
E nem uma flôr d'alma, um riso.... um ai....
Por mim uma só vez desabroxou!

Tu passaste por mim como essas brisas
Que distrahidas passam junto á flôr,
Como sonhos de amor tristes, sombrios,
Que deixam traços de profunda dôr!

Tu partes!... e não sabes quem te amou
 N'essa tua passagem fugitiva,
 Que em noites de esperanças te sonhando,
 De ti trouxe no peito a imagem viva!

Tu partes!... se algum dia em tua vida
 O acaso te fizer lér este canto,
 Acolhe-o no teu seio, e sobre elle
 Oh! derrama teus beijos e teu pranto!...

Tu partes amanhã, quando as auroras
 Começarem no céu a fulgurar,
 Quando a ave seu canto matutino,
 Cheio de amor e doçura, além trinar!...

S. Paulo—Setembro de 1862.

A. J. AFFONSO GUIMARÃES JUNIOR.

O Jogador de Sólo

Silencio, pichotes!—ouvi meu cantar:
 —Do sólo na guerra jámais eu tremi,
 Jámais recuei ao grito de—sólo,
 Silencio, pichotes!—meus cantos ouvi!

Do sólo na guerra quem ha como eu sou?
 Quem ha destemido que grite—solei?
 No jogo do sólo não temo ninguem,
 A todos eu venço, no sólo sou rei!

Se ás vezes sem jogo não posso solar,
 E passo meu *tenta*, gritando—passei,
 Coitado d'aquelle que pensa ganhar
 E vai muito ufano gritando—solei!

Então suas vasas por mim são cortadas,
 E faço o *valente* seu sólo perder,
 E ganho meus tentos e mais outros tantos
 Que perde o pichote, ficando a dever.

E jogo sem medo, de todos me rindo,
 Deixando os pichotes na mesa espichados,
 E jogo tão bem que todos por fim
 Me pãgão, mas como?—comigo zangados!

Atiro meus azes sem nunca perdêl-os,
Deixando a *manilha* de todo enganada,
E quando ella vem,—é tarde, lhe digo,
E corto com *trunfo* a tal pichotada.

As cartas que sahem me fleão na mente ;
Comigo no sólo ninguem poderá,
Ninguem, eu solando, me grite—*prefiro*,
Porque do contrario na mesa estará !

No jogo do sólo quem ha como eu sou ?
Quem ha destemido que grite :—solei ?
No jogo do sólo não temo ninguem,
Humilhem-se todos, no sólo sou rei !

A's vezes eu *bilo*—com rei em terceiro,
E todos esperão meu *bilo* furar,
E todos me dizem que hei de perder,
Mas deixão, coitados, o *furo* passar !

Até com dois *furos* um dia bolei,
E todos contentes julgavão ganhar,
Porém, tão pichotes, perdêrão seu jogo,
Deixando os *furinhos* bem livres passar !

Assim é qu'eu sou no jogo do sólo
Assim é que a todos eu sempre venci,
Do sólo na guerra não temo ninguem,
Silencio, pichotes!—meus cantos ouvi !

No jogo do sólo quem ha como eu sou ?
Quem ha destemido que grite :—solei ?
Quem ha jogador que grite sem medo :
Não temo ninguem, no sólo sou rei ? !

Sou eu, sou eu só, que posso gritar
Que sempre no sólo serei vencedor ;
Sou eu, sou eu só, que corro sem medo
P'ra guerra do sólo com todo fervor !

Amantes do sólo !—ouvi meu cantar :
—Quem ha como eu sou, no sólo feliz ?...
—Ninguem me responde ?... No sólo sou rei ;
O vosso silencio só é quem m'o diz !

S. Paulo.

R. DA MOTTA D'AZEVEDO CORRÊA.